

Educação e Formação de Comunidades de Aprendizagem: análise de percepções no Colégio Pastoral da Igreja Presbiteriana de Moçambique

Fernando Rafael Chongo *

ORCID iD <https://orcid.org/0000-0003-2706-9916>

Resumo: A história de Moçambique tem registos de intervenções da Igreja Presbiteriana de Moçambique (IPM), a antiga Missão Suíça, que têm sido deveras marcantes desde o longínquo ano de 1887. A sua educação integral, que tem resultado na formação de comunidades de aprendizagem, tem contribuído sobremaneira no processo de humanização do povo moçambicano. O presente artigo tem como objetivo analisar percepções no colégio pastoral sobre a qualidade da participação atual da Igreja Presbiteriana em Moçambique. Em termos metodológicos o presente artigo resulta de uma pesquisa qualitativa, cujas técnicas de recolha de dados foram a inquirição por entrevista, análise documental e observação participante. A conclusão do presente artigo é de que contrariamente à sua excelência organizacional do passado, nos dias que correm a participação social da IPM tem sido de pouca expressão.

Palavras-Chave: Igreja Presbiteriana de Moçambique; Educação; Comunidades; Aprendizagem

Jondzo ni kuvumbiwa ka mintlawa ya kujondza: matwisisela ndzeni ka Mpfunano wa Vafundhisi va Kereke ya Presbiteriana ya Musambiki

Nkomiso (Changana): Matimu ya Musambiki ma ni svikombiso sva vugingiriteki la Kereke ya Presbiteriana ya Maçambique, leyi yingahavuliwa Missão Suíça, leyi yitaka na yikombisa mintirho yinene kusukela lembeni la 1887. Jondzo ya yona leyi yitumbuluxeke mintlawa ya kujondza, yipfunetele svinene kuvumbiwa ka vumunhu exikarhi vana va tiko. Tsalwa leli i mihandzu ya kuxiyaxiya matwisisela ndzeni ka Mpfunano wa Vafundhisi mayelano ni lisima la ngingiriteko wa kereke leyi masikwana lawa. Ndlela leytirhisiweke ya kukola svitiviwa i nxopaxopo wa miyanakanyu ya nkoka, laha kutirhisiweke svivutiso, kuxiyaxiya matsalwa ni kuxiyaxiya mahanyela ya Mpfunano wa Vafundhisi kota xirho xa ntlawa. Kuxopaxopeni loko kuvoniwe lesvaku hi kuhambana ni lisima la nkereke tolo ka wamasiku, masikwini lawa ntirho wa IPM wa kulwela nhluvuko utikomba kutsongo atikweni. Hilesvo-ke, svanga ndlela yonyika lisima 135 wa malembe ya kereke akutiheleni ka tiko, svalaveka lesvaku kujoyineliwa ntwanano, yili ndlela ya kupfurhetela vutlhari la huvu, kuvuyisiwa lisima la Mpfunano wa Vafundhisi, ntlawambilu ya kereke, yiva ndlela ya kukombisa vutlhari mafambiseleni ya kereke, ni ya kuhitekela kuyakiwa ka tiko.

Maritompfungulo: Kereke ya Presbiteriana ya Musambiki; Jondzo; Mintlawa; Vujondzi

* Doutorado em Inovação Educativa (Ciências de Educação) pela Universidade Católica de Moçambique; Professor Auxiliar na Faculdade de Educação da Universidade Púnguè, Moçambique; Pastor e Presidente da Comissão Sinodal de Evangelização e Missões (mandato 2019-2024) na Igreja Presbiteriana de Moçambique. E-mail: fernandochongo@yahoo.com

Education and Formation of Learning Communities: Analysis of perceptions in the Pastoral College of the Presbyterian Church of Mozambique

Abstract: The history of Mozambique has records of interventions by the Presbyterian Church of Mozambique (IPM), the former Swiss Mission, which have been very significant since the distant year of 1887. Its integral education, which has resulted in the formation of learning communities, has contributed greatly to the process of humanization of the Mozambican people. The present article aims to analyse perceptions in the pastoral college on the quality of current participation of the Presbyterian Church in Mozambique. In methodological terms, this article is the result of a qualitative research, whose data collection techniques were interviewing, document analysis and participant observation. The conclusion of this article is that, contrary to its organizational excellence in the past, nowadays IPM's social participation has been of little expression.

Keywords: Presbyterian Church of Mozambique; Education; Communities; Learning

Introdução

A educação do ser humano, em qualquer sociedade actual, não tem sido apenas de âmbito formal. Além da escola, a família e a igreja são reconhecidas como factores que contribuem indispensavelmente na educação integral (SAPATO, 2016). Nessa ordem de ideias, a história da educação em Moçambique preserva marcas indeléveis da intervenção da Missão Suíça, a fundadora da Igreja Presbiteriana de Moçambique (IPM), em prol da educação integral no sul de Moçambique. Fundada em 1887, a Missão Suíça teve sempre em vista investir na construção de uma mentalidade comunitária de construção e de consolidação da aprendizagem ao longo da vida, um caminho julgado certo num contexto cujo propósito fundamental é o desenvolvimento humano (ANDRIÉ, 2010).

A educação oferecida pela Missão Suíça constituiu uma significativa salvação dos *tsonga*, o povo oprimido, tanto do contexto das guerras de sucessão, quanto do colonialismo português. Interveio nas suas interações com o rei Ngungunhane, em prol da sua educação para o respeito à dignidade de seus subalternos. Interveio também em negociações implícitas com o regime colonial, para que este levasse em consideração a necessidade de respeito à dignidade do povo por si colonizado (HARRIES, 2007). No tempo em que ficou estabelecida em Moçambique, a Missão Suíça já era uma organização munida de quadros altamente qualificados. Foi com esse perfil organizacional que se engajou de forma marcante pela garantia da qualidade de suas intervenções comunitárias por mais de 80 anos, até que lograsse fundar a IPM (BUTSELAAR, 1987).

Um dos índices de aprendizagem organizacional da Missão Suíça foi a gestão proactiva do seu sistema de educação. Foi desde cedo que viu a necessidade de formação de educadores no seio do povo *tsonga*. Foi dessa forma que em 1911 logrou formar e consagrar Calvin Matsivi Maphophe, o primeiro educador (pastor) negro da história desta missão e da IPM (BUTSELAAR, 1987). O ano de 2022 marca a passagem de 135 anos de acção missionaria, cujo fruto de âmbito da história nacional foi a criação da IPM, que teve autonomia para a sua autogestão, e mais tarde teve independência em pleno tempo colonial e acabou significando uma pressão ao regime colonial para a concessão da liberdade ao povo moçambicano. São, portanto, 135 anos de uma educação histórica, cujo gestor atual é a IPM.

Em forma de reconhecimento dos esforços que têm sido empreendidos há mais de uma centena de anos, e associando a necessidade de preservação deste grande legado da cultura moçambicana, houve necessidade de formulação do seguinte problema de investigação: Nos dias que correm, que qualidade da intervenção social da IPM resulta das suas ações de educação e formação de comunidades de aprendizagem? O objetivo geral do presente artigo é, assim, analisar a qualidade da intervenção social da IPM de hoje, que é resultado das suas ações de educação e formação de comunidades de aprendizagem, no passado.

A relevância do presente artigo prende-se com uma série de razões. A primeira razão tem que ver com a promoção de sistemas de educação e formação de comunidades que sejam focadas em aprendizagens construtivas. A segunda razão é de despertar a consciência organizacional em prol de aprendizagens comunitárias que sejam decorrentes de uma gestão curricular propícia para a formação de ativistas de construção social. A terceira razão, por fim, prende-se com instigação do resgate da vocação educativa e formativa da IPM, de modo a tornar cada vez melhor a sua participação para o desenvolvimento integral da sociedade moçambicana. Em termos de estrutura, o presente trabalho está subdividido em cinco partes. A primeira parte tem a ver com a introdução e inclui a componente metodológica. A segunda e a terceira parte são as que perfazem o quadro teórico do artigo. A quarta parte é a percepção no colégio pastoral, que constitui a componente da análise e discussão de dados. Por fim, a quinta parte, são as considerações finais.

1.A Missão Suíça e o seu papel na educação comunitária no período colonial

A Missão Suíça é uma obra missionária da Igreja Evangélica Livre do Cantão de Vaud, da Suíça que, representada pelos pastores Ernest Creux e Henri Berthoud, fundou, em 1875, aquela que viria a ser denominada Igreja Evangélica Presbiteriana da África do Sul (EPCSA). É também a que em 1882, mandatou o evangelista Yosefa Mhalmhala em expedições preliminares a Magude e, como corolário, foi fundada em 1887, sob a liderança do pastor Paul Berthoud, a que viria a ser a Igreja Presbiteriana de Moçambique, IPM (BUTSELAAR, 1987).

A Missão Suíça em Moçambique foi, com efeito, uma organização educativa regida por um corpo de missionários composto por pastores, evangelistas, musicólogos, professores, enfermeiros, médicos, agrônomos, entre outros quadros. Movidos pela visão de ir e ensinar em todas as nações (Mt 28:19a), deslocaram-se da Suíça para o Lesotho, onde estavam estabelecidos missionários suíços de expressão francesa de outras igrejas desde os anos de 1850. Daí foram instalar-se na África do Sul e, doze anos mais tarde, na companhia de evangelistas e professores negros por si formados na África do Sul, expandiram a Missão Suíça para Moçambique (HARRIES, 2007).

Os missionários tiveram que enfrentar e vencer uma série de desafios, sendo de destacar a enorme distância (geográfica, racial, cultural, social, entre outras) entre a Europa e a África. Mais ainda, a sua estadia foi marcada por crises de saúde, sendo de incluir a malária, uma doença tropical que dizimou vidas de esposas e de filhos dos missionários. A Missão Suíça foi desafiada também pelo clima político. O povo Tsonga, a quem se endereçava a educação missionária suíça, era por um lado, vítima das guerras de sucessão no seio da tribo. Por outro lado, sofria a opressão do colonialismo português (BUTSELAAR, 1987).

Não obstante as adversidades por si encaradas, os missionários suíços persistiram na persecução da sua visão. Deram as suas vidas, na alegria e na tristeza, por uma razão que é encontrada na bíblia. Uma das passagens bíblicas de maior referência afirma que ao aproximar-se de seus discípulos, Jesus disse-lhes que lhe tinha sido dado todo o poder no Céu e na Terra. Nisso ordenava-lhes que fossem e fizessem discípulos de todos os povos, baptizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo (Mateus 28, 19-20). Esta mensagem constituiu uma alavanca instigadora da Missão Suíça em prol da educação inclusiva dos povos oprimidos.

Nessa ordem de ideias, a Missão Suíça logrou construir estações missionárias contendo templos, onde promovia a educação (evangelização) para o conhecimento de

Deus, da moral, da ética social e religiosa. Nelas ainda construiu hospitais onde promovia inclusivamente a educação para a saúde comunitária. Construiu também escolas, onde o povo abria e ganhava horizontes para o conhecimento científico e para o desenvolvimento de ofícios tais como agricultura, pecuária, bem como a construção de casas e de latrinas melhoradas (BUTSELAAR, 1987).

Nesse contexto, importa enfatizar que o projeto educativo da Missão Suíça tinha em cada uma das suas estações uma escola frequentada por dezenas de alunos e serviços hospitalares e de educação para a saúde comunitária (CRUZ E SILVA, 2001). É de referir também que no âmbito das estratégias da Missão Suíça em prol do alcance e da promoção da dignidade dos Tsonga, o Dr. Georges Liengme chegou a residir na corte, tendo logrado ser o médico particular e amigo pessoal do Rei Nghunghunyane (BUTSELAAR, 1987). Em 1907, a Missão Suíça fundou a Escola de Rikatla, que visava formar obreiros e professores do ensino primário (CRUZ E SILVA, 2001). Ademais, 1911 foi o ano da consagração pastoral de Calvin Matsivi Maphophe, um dos missionários negros que tinha sido formado como evangelista e professor na escola de Morija, em Lesotho. Por conseguinte, a história dos *vatsonga* foi marcada, nessa altura, pelo primeiro pastor negro na Missão Suíça em Moçambique.

Em 1913, a Missão Suíça interessou-se também pela formação em Agricultura, bem como em Artes e Ofícios. Tal iniciativa tinha em vista estancar a despovoação do campo provocada pela emigração de jovens em direção às minas da África do Sul. O êxodo massivo era motivado pela procura de emprego para a melhoria das condições de vida (NGOENHA, 2000). Ademais, a Missão Suíça despertava a necessidade e os benefícios da abstinência ao consumo do álcool, que constituía um dos maiores inimigos da saúde comunitária (BUTSELAAR, 1987). Esta iniciativa viria a ganhar eco em 1916, quando a Missão Suíça lançou uma campanha de educação contra o alcoolismo. Assim, um dos índices de conversão passaria a ser o absentismo em relação às bebidas alcoólicas e a outras drogas.

De acordo com Grandjean (1917), o programa da educação escolar de então era composto por disciplinas tais como: (i) Livros I e II de leitura, (ii) Manual de Aritmética, (iii) Enciclopédia ilustrada designada *Vutivi* (ciência), (iv) Gramática ronga, (v) Gramática Portuguesa com explicações em Ronga, bem como, (vi) Manuais bilíngues (Português-Ronga) concernentes a leitura, agricultura, Geografia da Província de Moçambique e História de Portugal. Como se pode constatar, a primazia da educação da Missão Suíça era a língua dos nativos, neste caso a *língua xitsonga*, designação do xichangana na

Africa do Sul, cujas línguas faladas em Moçambique eram e ainda são: *xichangana*, *xironga* e *xitshwa*. Aliás, o interesse que os missionários suíços mostraram em aprender, adoptar e ensinar a gramática das línguas locais suscitou uma forte intimidade com os povos tsonga (JUNOD, 1996).

A Missão Suíça defendia, assim, a ideia de que o alcance do saber deve ser progressivo, primeiramente através da língua local, que veicula a cultura particular, com vista a resolver problemas locais. Só com esta base educativa é que se pode alcançar um saber de dimensão universal, através de línguas relativamente universalizadas, que é neste caso o português, o francês e o inglês. Aliado a isso, Junod (1905), citado por NGOENHA (2000), defende que:

À criança ensina-se primeiramente a ler, a escrever e a conhecer na sua própria gramática. Os leitores devem avançar através de partes escolhidas do seu folclore, colectadas da história da sua tribo, descrições das características naturais do seu país. Porém, de forma progressiva, devem ser introduzidas novas ideias no seu cérebro, às vezes, explicadas no seu próprio dialecto (p. 176).

O projeto educativo da Missão Suíça contrariou a ação hostil do então regime colonial português. A Missão Suíça concebia, pois, a educação como uma estratégia de emancipação dos povos do sul da África. Nessa óptica, educou a desaprender algumas tradições incluindo a superstição, em prol do conhecimento do Deus supremo, onipotente e onipresente, o Deus do amor. Ademais, aos jovens negros de então inculcou os princípios bíblicos e estes passaram a inspirar-se da necessidade de luta pelo desenvolvimento da ciência. Foi nesse âmbito que se iniciou a formação de instrutores das escolas primárias, em Morija (Lesotho) e em Rikatla (Moçambique). Foi também dessa forma que começou a formação duma geração de elite intelectual que veio a servir de capital humano em vários estágios da história de Moçambique (GRANDJEAN, 1917).

2. Algumas reações coloniais face à educação da Missão Suíça em Moçambique

As atividades educativas dos missionários suíços ocasionaram desagradados aos colonos portugueses (NGOENHA, 2000). Os colonos olhavam para o povo como o outro, que devia, mesmo sem merecer, ser explorado e ter a sua riqueza pilhada, ao passo que a Missão Suíça olhava-o como o próximo, que devia e merecia ser amado e ser salvo. Nessa óptica a Missão Suíça engajava-se na educação do povo para a melhoria de suas práticas de agricultura, pecuária, entre outras, em prol do seu desenvolvimento. Como resultado da tal disputa, o governo colonial português agiu de forma agressiva. Em Agosto

de 1929 promulgou os decretos 167 e 168. O primeiro decreto foi marcado pelos seguintes aspectos: i) Proibição do uso de línguas vernaculares e imposição do uso da língua portuguesa; ii) Exigência aos pregadores nativos para que tivessem certificados da Escola Primária e tivessem contratos de trabalho com a respectiva Missão.

O segundo decreto era marcado pelo seguinte: i) Os edifícios escolares deviam ser de alvenaria e construídos em locais indicados pela Administração local; ii) Os alunos primários deviam ingressar nas idades entre 7 e 14 anos, e deviam permanecer no internato os não maiores de 18 anos; iii) Os professores deviam ser qualificados, com certificados e com autorização oficial para a lecionação em escolas nativas. Estes decretos tinham em vista desmotivar as missões protestantes. Nesta ordem, em Julho de 1930 promulgou-se, ainda mais, o decreto 18.570, que indicava as missões religiosas portuguesas como agentes eletivos da civilização. Tudo isto visava sufocar as missões protestantes (CRUZ E SILVA, 2001).

Nessa altura o governo colonial português chegou a dividir a população moçambicana em duas classes: os assimilados e os indígenas. Os *assimilados* eram negros civilizados que adotavam um modo de vida português, incluindo a comunicação através da língua portuguesa. Estes, juntamente com os europeus e os não negros (indianos e mulatos) estudavam nas escolas do governo, cujos programas de ensino eram semelhantes aos que estavam em uso em Portugal. Os alunos desse ensino podiam progredir rapidamente pelo liceu ao alcance do ensino superior. Por sua vez os *indígenas* constituíam a maioria da população. Não tinham cidadania portuguesa e, por isso eram sujeitos ao trabalho forçado e a restrições em lugares públicos. A sua escolarização era rudimentar, deficitária, limitada à 4ª classe e decorria nas escolas da Igreja Católica. Com efeito, a educação colonial aos indígenas tinha em vista tornar o povo moçambicano menos educado e menos formado, limitado ao servilismo (MAZULA, 1995; MONDLANE, 1995; CRUZ E SILVA, 1998).

Implantadas as barreiras às missões designadas protestantes pelo governo colonial português, coube às vítimas adotar estratégias com vista a ultrapassar as dificuldades que as apoquentavam. Assim, a Missão Suíça e outras missões protestantes viram a necessidade de uma coesão que possibilitasse reflexões conjuntas em prol da implementação de atos de superação das hostilidades políticas do regime colonial português. Nessa óptica, em 1930, juntos criaram a *Associação Evangélica Missionária* (CRUZ E SILVA, 1998).

Ademais, como muitas das suas escolas não passavam do filtro dos decretos 167 e 168, a Missão Suíça reformou os seus métodos educativos adotando duas estratégias. Uma das estratégias foi a construção do Internato de Chibututuine, para o acolhimento dos seus alunos matriculados em regime de externos na Escola de Formação de Professores do Alvor, na Manhiça. Nessas circunstâncias o missionário Paul Fatton, que era o responsável do internato, iniciou paralelamente um curso de teologia. Tratou-se de uma iniciativa que culminou com a formação de professores, que eram concomitantemente preparados para o exercício do pastorado, sendo de destacar o pastor Gabriel Makavi (TOVELA JÚNIOR, 2009).

Na escola de Rikatla as aulas foram avante. O renomado pastor Zedequias Manganhela estudou naquela escola, entre os anos 1931 e 1933 (CRUZ E SILVA, 2014). Outrossim, foi lá onde Eduardo Chivambro Mondlane concluiu a 4ª classe e fez o curso de instrutor de *Mintlawa*, que também lhe conferia o estatuto de evangelista, em 1937 (MONDLANE, 2007). A outra estratégia foi a adoção de um ensino informal através da implementação de um sistema de educação de jovens, designado *Mintlawa*, que significa grupos e, era materializado em Xichangana (NGOENHA, 2000). Tal modelo educativo visava “moldar a personalidade dos jovens dentro dos parâmetros da educação cristã” (CRUZ E SILVA, 2001, p. 51).

Sob a direção de André Daniel-Clerc, os *Mintlawa* constituíam turmas de jovens ministradas por educadores chamados instrutores, que se reuniam debaixo de árvores e em acampamentos. O fundamento da sua educação era que os jovens optassem pelo bem em detrimento do mal (ALDASSE, 1966). No início do curso de *Mintlawa*, dentre várias disciplinas, os alunos aprendiam a parada (expressando uma preparação militar), a Ética (teísta, pessoal, social e ambiental), a retórica, os trabalhos manuais bem como a prática do desporto (ALDASSE, 1966). De acordo com NGOENHA (2000): Os *mintlawa* vão constituir, com o ensino em *tsonga*, os dois pilares da educação missionária. Se a Paul Bethoud cabe o mérito de ter iniciado a primeira vertente da educação missionária, isto é, o trabalho linguístico, o mérito de ter iniciado a segunda parte cabe à André Clerc (p. 184).

Clerc (1963) comparava os *Mintlawa* com um grande órgão musical das igrejas europeias, que mesmo sendo complexo, produz melodias agradáveis quando for tocado por quem o domina. Com isso queria, por um lado, mostrar a potencialidade oculta do povo, o mesmo desprezado pelo colono português. Por outro lado, era para incutir um sentido de inteligência, crítica e criatividade nos instrutores dos *Mintlawa*, de modo que

por sua vez fossem capazes de descobrir e ativar potencialidades nos seus educandos. Concebeu-se, assim, um sistema focado na educação integral, isto é, no saber ser, saber estar, saber fazer, bem como no saber viver juntos (CASTIANO ET AL, 2012).

Com efeito, havia uma extrema diferença de visões entre a Missão Suíça e o regime colonial português no que diz respeito à forma de consideração do povo. Isso propiciou a fuga de alguns alunos do sistema indígena para o sistema da Missão Suíça. Foi o que viria a acontecer com Eduardo Chivambo Mondlane em 1932¹, que chegou a enriquecer sobremaneira a história da educação da Missão Suíça (MONDLANE, 2007). Há quem diga que os missionários suíços, na sua tentativa de libertar os Tsonga, acabaram por lhes oprimir, de certa forma. Ngoenha (2000) assevera que a formação da maioria dos Tsonga não devia ir acima da 4ª classe na medida em que era uma forma de mantê-los na Igreja e submissos aos suíços. Mais ainda, diz-se que a mulher era ensinada a ser dona de casa, submissa ao homem. No entanto, defende-se que a Missão Suíça, tendo agido sob controlo do governo colonial português, o que conseguiu realizar foi o máximo possível.

O ano de 1948 foi marcado pela fundação do Conselho Mundial de Igrejas (WCC). Como corolário disso, a convivência ecumênica através da Associação Evangélica Missionária deu lugar à fundação do Conselho Cristão de Moçambique (CCM). No mesmo ano os missionários suíços decretaram a autonomia (*Lumuku*, em língua do sul de Moçambique) da implícita Igreja Presbiteriana de Moçambique. Esse marco histórico, que a nosso ver simbolizava uma pressão ao colonialismo português para a concessão da liberdade de autogovernação ao povo moçambicano, foi tonalizado pela ascensão do pastor Gabriel Macavi para o cargo de Presidente do Conselho Sinodal (CRUZ E SILVA, 2001).

¹ Em 1936, o jovem Eduardo Chivambo Mondlane concluiu os estudos rudimentares na Escola da Missão Suíça em Mause, Manjacaze, sob a regência do professor negro e moçambicano, Casimiro Mathe. Depois teve a oportunidade de ir trabalhar em Lourenço Marques, no Hospital da Missão Suíça no Chamanculo, de onde viria a ser convidado a residir com o doutor André Daniel-Clerc para que tivesse a possibilidade de continuar com os seus estudos. Por conseguinte, em 1937 fez simultaneamente a 4ª classe e o curso de instrutores de *Mintlaw*, na estação missionária de Ricatla, em Marracuene (MANGHEZI, 1999; MONDLANE, 2007). Em 1939 foi enviado à Missão Metodista Episcopal, em Cambine, Inhambane, com a incumbência de ensinar *Mintlaw* e estudar agricultura. Nisso acabou aprendendo também a língua inglesa naquela missão americana. Em 1942, Eduardo Chivambo foi enviado a Dingane, em Manjacaze, como evangelista. Em 1944 tinha 24 anos e essa idade não lhe permitia mais estudar no sistema português. Foi assim que teve uma bolsa para ir fazer o nível médio na Lemana Training Institute (Valdezia), na África do Sul. Lá chegou a ingressar no curso de Sociologia na University of Witwatersrand, em 1949. Em 1950 foi tentar estudar na Universidade de Lisboa e, só em 1951 conseguiu ingressar definitivamente na Oberlin College, Ohio University, nos Estados Unidos da América, mercê de uma bolsa concedida com um apoio excepcional da Missão Metodista Episcopal. Eduardo Chivambo Mondlane, doutorado em 1960 pela Northwest University, foi um líder expresso desde a sua juventude. É, portanto, o apogeu da versatilidade do sistema educativo da Missão Suíça em Moçambique (FARIS, 2007).

Em 1957 houve necessidade de designação de uma parte da Escola de Ricatla para a constituição do Centro Ecuménico de Ricatla (CER), para a formação de instrutores. Ademais, em 1958 tomou-se a outra parte da escola e constituiu-se o Seminário Unido de Ricatla, para a formação de pastores (DOORN, 2009). Com efeito, tinha chegado o momento de um engajamento conjunto cada vez mais significativo, conforme explica a investigadora moçambicana, CRUZ E SILVA (1998):

No mesmo espírito de cooperação, em 1958 o seminário presbiteriano de Ricatla transforma-se num seminário interdenominacional, reunindo metodistas episcopais, presbiterianos, congregacionalistas e a Igreja de Cristo em Manica e Sofala. As metodologias e estratégias para a educação introduzidas pela Missão Suíça foram também socializadas pelas outras missões, particularmente a missão metodista episcopal em Inhambane, com a qual a Missão Suíça mantinha relações de cooperação mais estreitas para o trabalho nas áreas sociais (p. 403).

O caráter assertivo dos jovens formados pela Missão Suíça no período colonial contribuiu para a sua tomada de consciência sobre o direito do povo à liberdade. Alias, é com esse intuito que “*à tradicional formação, André Clerc, chefe das escolas da Missão, associa os famosos Mintlawwa, verdadeiras escolas de carácter, de pertença ao grupo de solidariedade e de liderança, dos quais emerge uma geração de anti-colonialistas*” (NGOENHA, 2000, p. 191).

Os sistemas educativos não oficiais encadeados em Moçambique no tempo colonial foram, assim, marcados pela obra da Missão Suíça, cuja evidência foi a implantação de escolas e, mais tarde, do internato de Chibututuine e dos *Mintlawwa*. Entretanto, uma outra ação marcante da Missão Suíça registou-se no tempo da luta armada de libertação de Moçambique. Sobre isso, é de considerar a seguinte explicação de NGOENHA (2000, p.194):

[...] A educação missionária abre uma nova frente: [usar a língua portuguesa para] formar quadros para o futuro Estado Independente de Moçambique. [...] A Missão aproveita a pequena abertura que o governo português foi obrigado a fazer para montar um autêntico sistema de educação. [...] Desta maneira, a Missão utilizava as escolas nacionalizadoras portuguesas para educar a nível secundário os desnacionalizados protestantes... tinha criado um sistema que alimentava a chama de pertença à nação tsonga – doravante moçambicana – que os mintlawwa e a educação em tsonga tinham começado a transmitir.

Por conseguinte, em termos curriculares, a Missão Suíça implantou em 1902 um sistema educativo constituído por escolas. Em 1930 teve a sua primeira reforma curricular em que criou *Mintlawwa*. Em 1957 integrou no seu bojo educativo a visão ecumênica. Já na década de 1960, a Missão Suíça destacou-se por uma inovação curricular marcada

pela utilização das escolas portuguesas para a formação de quadros. O ano de 1970 foi o marco do fim da Missão Suíça e a igreja obteve a designação explícita de Igreja Presbiteriana de Moçambique (IPM). Nessa altura designou-se o pastor Zedequias Manganhela como o Presidente do Conselho Sinodal. Passava-se, assim, da autonomia à independência para a governação da IPM pelos obreiros e anciãos nacionais. A nosso ver, este ato histórico pode ter sido engendrado pelos suíços mas foi interpretado pelos portugueses como uma exigência e um prenúncio de independência do povo moçambicano. Há probabilidade de que tenha sido essa desconfiança que tenha culminado com a prisão e o assassinato na cadeia da Machava, em Lourenço Marques, atual cidade de Maputo, do líder da IPM, a igreja-berço do nacionalista Eduardo Chivambo Mondlane, pastor Zedequias Manganhela, e a prisão de outros obreiros desta igreja, em dezembro de 1972. Foram acusados de terem apoiado a Frente de Libertação de Moçambique, FRELIMO (ANDRIÉ, 2010).

3.Comunidades de aprendizagem e liderança do desenvolvimento de Moçambique

Uma comunidade de aprendizagem é uma coletividade envolvida num determinado currículo, que logra construir conhecimentos, habilidades e atitudes que permitem a partilha de responsabilidades, recursos, riscos, ganhos, e possibilitam a consolidação de sinergias em prol do empoderamento local. A aprendizagem em questão é profunda, cujo sinal é a competência, tanto comunitária, quanto individual, que se reverbera na participação ativa e criativa em processos de desenvolvimento (KILPATRICK, BARRET, JONES, 2003; BRAGA & MELLO, 2014).

Comunidades aprendentes são, num contexto de educação integral, aquelas cujos membros revelam gradualmente um significativo desenvolvimento cognitivo, psicomotor e afetivo (BORDENAVE & PEREIRA, 2011). São comunidades de aprendizagem porque na sua fase de maturidade tornam-se escolas perenes de formação de novas comunidades que aprendem e reaprendem (MAZULA, 2015).

A educação materializada pela Missão Suíça culminou com a criação de comunidades de aprendizagem, sendo de destacar os *mintlawas*, cujos integrantes foram participantes ativos no processo de construção de uma consciência patriótica. O auge dos frutos da Missão Suíça foi a formação de líderes que lograram construir uma visão que suplantou a etnia tsonga a que pertenciam. Impulsionados pela mentalidade de pertença à moçambicanidade, expuseram-se a relações dialógicas e daí tornaram-se membros de comunidades ecuménicas (SITOE, 2020). Nisso, sob a liderança de Eduardo Chivambo

Mondlane, um evangelista presbiteriano, uniram-se e participaram ativamente na formação da Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO) em 1962, que representou o povo moçambicano na luta que resultou na conquista da independência nacional em 1975 (NGOENHA, 1999).

Entende-se, assim, que os *mintlawas* não tinham um mero significado de grupos, como podia parecer. Eram comunidades de aprendizagem de teorias e de práticas. Os seus integrantes aprendiam, por um lado, para que soubessem que Deus emite sinais, tanto para revelar a sua benignidade para com o seu povo, quanto para inspirar o protagonismo humano em prol da justiça social. Aprendiam, por outro lado, a construção de conhecimentos, habilidades e atitudes, em prol da melhoria da espiritualidade, da escolarização, da saúde comunitária, cuja expressão era o desenvolvimento cognitivo, moral, agro-pecuário e habitacional.

Os *mintlawas* constituíram, dessa forma, comunidades de aprendizagem cujo resultado foi o desenvolvimento de ativistas, ou melhor, de líderes. Há que destacar líderes tais como pastores, instrutores, evangelistas, enfermeiros, professores, agentes de artes e ofícios, agentes de agro-pecuária, conselheiros e mediadores de conflitos, entre outros, que participaram no desenvolvimento individual, familiar, comunitário e nacional (CRUZ E SILVA, 2003).



4. Caminhos metodológicos

O presente artigo resulta de uma pesquisa de campo, que é uma modalidade em uso nas ciências da educação para a realização de pesquisas em espaços educativos (TOZONI-REIS, 2009). O estudo foi realizado na Escola da Missão Suíça, atual Igreja Presbiteriana de Moçambique, a partir da paróquia que está na cidade de Chimoio, a capital da província de Manica, em Moçambique, nos meses de Janeiro e Fevereiro de 2022. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, pois, propiciada pelo problema de investigação formulado, bem como do objetivo estabelecido, focou-se em analisar ações e manifestações distintas de coletividades, em contextos particularizados por tempo e espaço (FLICK, 2002). Analisou as históricas ações educativas da Missão Suíça e fez daí uma singela análise das ações educativas atuais da IPM. Foi nessa óptica que o investigador analisou os dados que foram recolhidos através das técnicas de inquirição por entrevista, análise documental e observação participante. Estas técnicas são imprescindíveis numa pesquisa qualitativa, porquanto possibilitam a triangulação de dados e de fontes (LAMBERT, 2019).

A inquirição por entrevista foi feita telefonicamente, para participantes que se encontravam em Maputo, a cidade capital de Moçambique, onde está sediada a IPM, dado que em tempos de pandemia não convém quebrar distanciamento físico. A inquirição contou com cinco pastores como participantes. Ademais, a opção pela análise de percepções no colégio pastoral tem a ver com o fato de tratar-se de uma comunidade nuclear da IPM. A observação participante prendeu-se com o fato de tratar-se de um investigador que é também pastor presbiteriano há 15 anos, sem contar com os antecedentes quatro anos de formação teológica, e aproximadamente 10 anos de aprendizagem na Juventude Cristã da Polana. A análise documental, por sua vez, incidiu sobre a constituição da IPM, que é a fonte dos estatutos e regulamentos desta unidade religiosa de educação social. É importante referir que com a pesquisa feita não esteve em questão a generalização das conclusões, mas sim, a sua aplicabilidade em prol da melhoria da qualidade de participação social da IPM (AMADO, 2014).

4.1. Apresentação, análise e discussão de resultados

Para a realização do presente histórico tivemos como base alguns fatos históricos, que dão conta de que no passado a Missão Suíça instalou-se entre os *tsonga* e interveio excelentemente no processo da sua valorização. Ofereceu-lhes uma educação significativa e através disso formaram-se comunidades de aprendizagem de pastores, evangelistas, *mintlawa*, agricultores, jovens escolarizados, *matitsoni* (aqueles que eram educados para a abstinência em relação às bebidas alcoólicas e outras drogas), entre outras comunidades. As famílias dos *tsonga* tornaram-se organizadas, com uma vida culta, baseada na educação integral. Acima disso, a educação da missão Suíça propiciou a civilização dos *tsonga*, que por sua vez ganharam um sentido que ultrapassou a pertença *tsonga* e alcançou a cidadania moçambicana e africana.

Foi essa lucidez que estimulou a participação dalguns deles na criação da comunidade que se engajou na luta pela conquista da independência nacional. Foi com base na sùmula dos dados bibliográficos supracitados que o pesquisador endereçou aos cinco participantes as seguintes questões básicas: Na sua óptica, será que atualmente a IPM tem tido intervenções sociais de excelência, tal como teve a Missão Suíça? Mais ainda, que desafios temos atualmente, nós os pastores jovens, em prol de uma IPM que seja cada vez melhor? Nessa sequência tivemos as seguintes respostas:

Francamente, não. Perdeu. O que vejo é que a IPM hoje não tem um rumo evangélico. Limita-se mais em questões imediatistas. Então, primeiro, não tem foco. A segunda questão, virou-se mais para o individualismo.

Quando a paróquia está bem, pronto, tudo bem, não olha para outro horizonte (...) nós, em termos de serviço para a sociedade, pouco estamos a fazer, se é que estamos a fazer (...) evangelho individualmente não vale. Então, primeiro é unidade e depois da unidade fazemos um plano unido, como igreja, não como pessoa. Como igreja devemos definir o que nós queremos. Aí há-de haver chuva de ideias e depois seleccionamos o que é para o curto, médio e longo prazo. E nós na IPM ainda não temos isso (...)
(A)

O participante A defende a unidade como condição para o desenvolvimento da IPM. Faz referência a sinais de falta de unidade, tais como o evangelho individualizado, que na sua óptica não contribui para uma boa imagem da IPM. Está subjacente no seu discurso a ideia de que os pastores, que são a comunidade nuclear da liderança da igreja, a única dimensão educativa com que a IPM opera atualmente, diferentemente da Missão Suíça que incluía a escola, o hospital e a agro-pecuária, não constituem uma comunidade orientada para a planificação estratégica.

Apela, assim, que seja uma comunidade que aprenda a ser focada para o desenvolvimento humano, como ponto de partida para a aquisição do poder de planificação da expansão de um evangelho organizacional. É de referir que a planificação constitui uma das componentes de um ciclo de gestão em organizações maduras, cujo alicerce é o pensamento estratégico (REIS & REIS, 2008). A Missão Suíça não descartou, certamente, a genial ideia de construção de um ambiente são, favorável à colegialidade missionária, em prol da eficácia do seu sistema educativo (Ngoenha, 1999).

A verdade é uma e única, a IPM parou no tempo. Desde o *lumuku* até cá estamos numa situação de querermos nos autoproclamar. A nossa intervenção, da maneira como vínhamos há muito tempo, parou com o tempo. Nós na verdade ainda estamos a procura de nos conhecermos quem somos na realidade, ou somos IPM ou somos a Missão Suíça. Então, falta a nossa identidade, ainda não temos identidade, porque uma das coisas, nós deixamos aquilo que é o nosso trabalho e procuramos problemas das pessoas. Em vez de resolvermos aquilo que é a situação da igreja, que é a proclamação do evangelho, e glorificar ao próprio Deus, nós estamos preocupados em procurar os defeitos das pessoas, e não aproveitamos aquilo que é a realidade das pessoas (...). Estamos muito longe de sermos aquilo que foi a Missão Suíça, mas ainda há tempo de perseguirmos aquilo que nós perdemos como herança (...) O primeiro desafio que temos hoje é a proclamação da Palavra no centro e no norte do país. O segundo desafio é a formação. Não se justifica que em pleno século XXI tenhamos no seio da IPM, pastores que não estão na globalização. Não falam línguas, não são formados em administração, não são formados em teologia, não são formados noutras áreas do saber, só são formados em teologia do ensino médio para serem pastores apenas. Esse é o desafio que temos pela frente. (B)

A questão da falta de identidade que, segundo o participante B, tem caracterizado a IPM desde o *lumuku* (autonomia da IPM em 1948) e tem feito a IPM parar no tempo, a ser verdade, enfatiza a existência de conflitos de interesses no seio do colégio pastoral, expressos por mais perseguições e menos foco na proclamação do evangelho. Pode ser que a concessão da autonomia tenha propiciado a luta pelo poder no seio do pastorado negro da IPM e, nisso, a Missão Suíça não tenha tido a vocação de deixar um legado de coesão e de inclusão pastoral. Seja como for, volvidos 135 anos, declarações desta natureza por parte de um participante jovem, revelam haver lucidez sobre as prováveis causas das atuais barreiras do brio social da IPM. Há, então, que começar a andar no tempo, reconstituindo a IPM e recolocando-a no caminho da sua vocação de lutar por Moçambique através da reconstrução de um sistema de educação integral que seja de qualidade (Mondlane, 1995).

Eu acho que a IPM pode fazer mais do que aquilo que está a fazer neste momento, porque olhando, por exemplo, para aquilo que os suíços fizeram aquando da implantação da igreja presbiteriana, a igreja presbiteriana não consegue pelo menos manter. Podemos dar o exemplo das escolas, não conseguiu manter desde o período em que a liderança da IPM passou para a igreja negra neste caso (...) podia ter feito muito mais do que aquilo que os suíços fizeram (...) eu acho que a IPM precisa de fazer mais (...) Eu acho que tudo parte da educação. Nós os pastores jovens devemos investir mais na educação, na nossa formação, tanto na teologia, assim como noutras áreas. Porque sem educação, sem formação, nós apalamos as coisas. Então, eu acho que a educação é aquilo que nós os pastores jovens devemos ambicionar mais. No momento em que seremos pastores seniores, se formos iluminados pela educação que tivermos tido, eu penso que podemos ter uma ideia muito melhor do que aquilo que hoje é. (C)

O apelo que é feito pelo participante C, de que a IPM deve fazer mais do que está a fazer neste momento, exprime a desqualificação das suas práticas atuais, que contribuem significativamente na destruição da magna obra da Missão Suíça. De forma inteligente, o participante C despoleta a existência de limitações em vários sentidos nos atuais modelos de governação da IPM. Defende o investimento na educação e formação de intelectuais orgânicos como sendo a estratégia que vai transformar o colégio pastoral da IPM num farol de desenvolvimento e de plena intervenção social. De fato, no atual contexto marcado por sociedades de conhecimento, é imprescindível apostar na educação inclusiva como uma ferramenta de desenvolvimento pessoal, familiar, comunitário, organizacional e social (CHONGO, ALVES, 2021; CHONGO, 2021).

Aquilo tudo que fez com que a Missão Suíça seja reconhecida, hoje em dia já não existe (...). Quando olho para o tempo actual, a fé no trabalho é um e outro, os valores morais também já diminuíram (...). A entrega já não é

(...). Hoje, precisa-se também daquelas condições, o estilo de vida dos obreiros estar um pouco elevado, para poder ter moral, e quando o pastor estiver na igreja, conseguir se dar um pouco de tempo, porque uma outra coisa, não se dão aquele tempo também devido as condições de vida também. Porque é só vermos os suíços, quando vieram aqui não eram pobres! (...) Dormiam bem, comiam, e tudo. As condições também são necessárias. Porque sem isso, por mais que você trabalhe, você estará aí na igreja, mas a sua cabeça não estará aí (...). Em resumo, as condições são necessárias. Eduardo Mondlane, dando exemplo, veio do mato, mas quando as condições mudaram, mesmo o seu *status* mudou e nem parece que saiu do mato. Se a pessoa está desenvolvida isso aí também pode ajudar. (D)

O participante D refere que a IPM regrediu em relação a Missão Suíça. No nosso entender esta asserção pode ter a ver com o fato de terem sido perdidas algumas heranças da Missão Suíça, sendo de destacar as escolas e os hospitais da IPM em 1976, aquando das nacionalizações e nunca terem sido recuperadas, salvo o Khovolar que foi reavido recentemente, mas que, aparentemente, continua um gigante adormecido. Denota-se no discurso do participante D a pobreza dos obreiros atuais, contrariamente aos da Missão Suíça que na sua óptica não eram pobres. Esta questão de pobreza fazia-se sentir no seio dos obreiros negros, no tempo da Missão Suíça. Denotavam-se desigualdades óbvias em termos de estilos de vida (CHIRINDA, 2012). Todavia, o participante D traz um exemplo de promoção da dignidade humana, relativo ao obreiro Eduardo Mondlane, que foi transformado da condição de pobre ao privilégio de ser um cidadão do mundo. Defende, assim, que os obreiros sejam providos de todas as condições possíveis, de modo a serem uma boa referência diante de suas audiências. Defende, implicitamente, que se a Missão Suíça participou na produção de figuras como Eduardo Mondlane, então, a IPM tem a responsabilidade de dar continuidade, investindo na melhoria do perfil dos seus obreiros.

É difícil avaliar porque neste momento a Igreja Presbiteriana de Moçambique está aquém do desejado e do esperado. Não está a fazer nenhuma intervenção social. Trabalha, agora, de forma paliativa ou como bombeiro. Por exemplo, houve ciclone *Idai*, juntámos coisas para atender aquilo de forma pontual. Agora houve ciclone *Ana*, que afectou a zona norte e uma parte da zona centro, certamente que a igreja vai se disponibilizar para atender esta questão. Mas a igreja não pode ficar a espera de ciclones para se movimentar. Por exemplo, a nossa igreja não está a formar mais ninguém (...) e a escola do Khovo está quase fechando (...). Então, não estamos a produzir, não estamos a intervir socialmente. Estamos a trabalhar como bombeiros, ou seja, aguardamos que o errado aconteça para intervirmos. Eu acho que não era assim que a Missão Suíça funcionava e ainda acho que a igreja não pode trabalhar desta forma. O objectivo da Missão Suíça era atender o homem em toda a sua complexidade. Criava escolas, hospitais e igrejas! A ideia era que o homem fosse educado, tratado fisicamente, mas também fosse tratado

espiritualmente, e não de forma paliativa (...). A minha forma de contribuir é melhorar no local onde a igreja vai me colocar. Eu sou presidente do consistório, então posso jogar lá todas as minhas capacidades criativas e deixar coisas novas, toda a capacidade de empreender. Não é só nos negócios, mesmo na igreja, como pastor eu posso empreender! Então, eu virei-me um pouco, ao invés de olhar para o nível macro, eu virei as armas para o nível micro! Dentro da paróquia eu posso fazer com que apareçam as mudanças que gostaria que aparecessem no topo da igreja. É porque todas as pessoas que fazem com que a igreja não faça o que devia fazer estão a partir do Presbitério até ao próprio Conselho Sinodal. Então, eu posso propor, mas a minha proposta não vai passar do Presbitério, não vai passar do Conselho, e se não passa do Conselho não chega ao Sínodo! (...). Como pastor jovem, que quer uma igreja diferente, eu tenho apostado o meu trabalho na paróquia (...). Vamos ser agentes de mudanças (...). (E)

A IPM, segundo o participante E, não está a fazer nenhuma intervenção social, a não ser a de aderir a campanhas nacionais de solidariedade. De fato, Moçambique tem tido o desafio regular de superação de calamidades naturais e de conflitos armados. O participante lamenta pelo fato de não ser notável a pujança da IPM em prol da educação integral, tal como era com a Missão Suíça. Ademais, refere que o sistema organizacional tem-se mostrado indiferente nos níveis macro e intermediário, o que tem feito com que o nível micro não tenha o devido acompanhamento e desenvolvimento. É daí que defende que enquanto não se lograr a harmonização de todo o sistema organizacional há que apostar no engajamento individual em prol do desenvolvimento local. Reconhece, assim, que mais do que ações individualizadas, seria melhor investir na criação de missões harmonizadas, resultantes de uma agenda da IPM, que expresse uma forte motivação organizacional intrínseca.

Além do pastor Zedequias Manganhela, cujo martírio em 1972 marcou intervenção social da IPM, é também de destacar a obra do pastor Simão Chamango. Em 1976, logo após a conclusão da sua licenciatura em teologia na Universidade de Lausanne, ingressou no Seminário Unido de Rikatla como docente. Ele foi o primeiro moçambicano a ascender ao cargo de reitor daquela instituição ecuménica. A sua liderança e abnegação, marcadas por discursos orais educativos em conferências nacionais e internacionais, e por artigos que ainda estão patentes em revistas internacionais, fizeram com que recebesse em 1992 o Doutorado Honoris Causa no Canadá, precisamente no Knox College, na Universidade de Toronto. Mais ainda, em 2005, ano da sua passagem para a glória de Deus, foi efusivamente homenageado pelo Conselho Cristão de Moçambique e pelos estudantes do Seminário Unido de Rikatla (CHONGO, 2009). Em 2021 foram realizadas as 1ª jornadas científicas do SUR, foi inevitável a menção da modéstia notabilidade do Rev. Dr. Simão Chamango.

A intervenção social da IPM também se notabilizou na área da música, sobretudo no canto. Desde sempre, os seus obreiros estudavam música, compunham e formava maestros e compositores. Por exemplo, logo após a independência, esta prática foi marcada por figuras tais como o Maestro Justino Chemane. A sua obra musical transcendia a mera evangelização para ser música de intervenção social. O primeiro Hino Nacional “Viva, Viva a Frelimo”, que vigorou durante 27 anos no país, saiu, por sinal, da pena deste exímio compositor e maestro presbiteriano que também participou na elaboração do mais recente, “Pátria Amada”.

As potencialidades interventivas da IPM revelam-se, hoje, nas ações benéficas dos jovens presbiterianos de Moçambique na cidade de Maputo. No campo da música coral são incontornáveis os grupos da IPM em eventos nacionais. Há que destacar o *Grupo Esperança, da Polana* e o *Grupo Unanga (melodia) de Magoanine*. Há sobretudo que destacar o jovem Vasco Gabriel Machiana, carinhosamente chamado por *o vitorioso*, um exímio compositor e maestro presbiteriano, que tem estado a estimular excelência musical em festivais de música coral, dentro e fora da IPM, desde o ano de 2000. Já tinha tendências de brio quando em finais da década de 1990 foi ter algumas lições na Escola de Música do Khovo, sob a regência do maestro e compositor Felikisi Mukaxe. Veja-se que em termos profissionais, Vasco Machiana é um engenheiro de construção civil, formado pela Faculdade de Engenharias da Universidade Eduardo Mondlane (UEM). Com efeito, se tivesse um currículo estrategicamente estabelecido para a educação da sua juventude, a IPM contribuiria com a formação de vedetas em muitas outras áreas sociais, do Maputo ao Rovuma.

A atual constituição da IPM advoga a expansão desta organização educativa no centro e no norte do país. Ademais, no seio da IPM tem sido de praxe a apologia duma IPM una e indivisível, cada vez mais forte na expansão do evangelho. No entanto, tem-se tornado nula a possibilidade de resgate da sua vocação multidimensional, outrora destacada por escolas, hospitais e projetos agro-pecuários. Isto significa que houve uma significativa regressão, tendo ficado alguns resquícios que sinalizam a presença intervencionista da Missão Suíça em Moçambique. A Missão Suíça era excelentemente proativa, criativa e inovadora, em defesa do seu projeto educativo, que contribuiu significativamente no processo de construção ecumênica da moçambicana (NGOENHA, 1999).

Nas condições em que se encontra a IPM atualmente, que são inclusivamente mencionadas de várias formas pelos participantes deste estudo, não há muita

possibilidade de ser socialmente ativa e produtiva. Há que tomar a coragem de construir um recomeço, construindo inteligentemente uma *Missão da IPM*, engajada na educação integral. Entretanto, há que privilegiar o estabelecimento de ambientes que propiciem uma gestão que seja pacífica e democrática, alicerçada no investimento na formação pós-graduada. Mostra-se, pois, imprescindível usar a referida estratégia para desenvolver um colégio pastoral que seja orientado para a liderança da participação ativa desta igreja.

Considerações finais

O presente artigo resulta de um singelo exercício de análise da qualidade das intervenções sociais da IPM na atualidade. Esta igreja é, pois, o fruto da Missão Suíça, a autora de excelentes intervenções no tempo colonial, em prol da formação de líderes negros cuja visão ultrapassou a *tsonganidade* e alcançou o sentido de pertença à moçambicanidade. A IPM, e suas intervenções sociais atuais, merece uma atenção pública por ser o berço dum sistema educativo que contribuiu significativamente no processo de construção do estado moçambicano.

A conclusão do presente artigo é de que contrariamente à sua excelência organizacional do passado, nos dias que correm a participação social da IPM tem sido de pouca expressão. Diferentemente da Missão Suíça, não tem logrado estabelecer-se, em vários sentidos, de modo a poder intervir em prol da superação dos atuais desafios da sociedade moçambicana. Nos dias que correm, a IPM tem estado reconhecidamente dedicada na pregação. Entretanto, na óptica dos participantes, com quem concordamos plenamente, no seio do colégio pastoral da IPM conflitua-se muito e, como consequência, muito pouco se faz. Defendem implicitamente que no mínimo, a IPM avance superando a pregação endógena, passando pela evangelização, a ponto de lograr alcançar outros patamares de excelência na intervenção social.

É oportuno referenciar que o missionário suíço André Daniel-Clerc, nas correspondências que tinha com o jovem Eduardo Mondlane quando este estava em missão de estudos na África do Sul, chegou a referir que a evangelização não é uma mera inculcação de doutrinas nas pessoas, mas sim uma inserção de seres humanos na vida fraterna, religiosa e comunitária, dando-lhes uma sublime oportunidade não de pintarem, mas sim de cultivarem profundamente as suas personalidades. Por sua vez, Eduardo Mondlane chegou a mostrar-se defensor da superação de denominações orientadas por doutrinas, por estas serem díspares e constituírem barreiras para a comunhão. Defendia uma igreja cristã isenta de distinções, focada na aplicação da fé no

cotidiano, em prol do desenvolvimento da ordem social (FARIS, 2007). É este conceito, de evangelização humanizante, que deve guiar a IPM hoje. Convém aplicá-lo, mas antes, é estratégico cultivar a unidade e o espírito de aprendizagem comunitária no seio do colégio pastoral, como forma de impulsionar o desenvolvimento desta organização educativa no seu todo. Ainda é possível reconstituir a dignidade da IPM.

Referências

- ALDASSE, Abrão. *Memento: o livro do rapaz*. Maputo: Literatura da Igreja Presbiterana de Moçambique, 1996.
- AMADO, João. (Coordenação). *Manual de investigação qualitativa em educação*. 2.ed. Coimbra: Coimbra University Press, 2014.
- ANDRIÉ, Georges. *Moçambique no cúmulo do sofrimento 1972-1974*. Lausanne: DM-échange et Mission, 2010.
- BORDENAVE, Juan; PEREIRA, Adair. *Estratégias de aprendizagem*. 31.ed. Petropolis: Vozes, 2011.
- BRAGA, Fabiana; MELLO, Roseli. *Comunidades de aprendizagem e participação educativa de familiares e da comunidade: elemento-chave para uma educação de êxito para todos*. Educação Unisinos, vol. 18, nº2. p.165-175, 2014.
- BUTSELAAR, Jan Van. *Fundadores da Igreja Presbiteriana de Moçambique*. Maputo: Tempográfica, 1987.
- CHIRINDA, Felicidade Naúme. *The autonomy of the Igreja Presbiteriana de Moçambique (IPM): Pastor concern for liberation*. Thesis (Philosophiae Doctor) – Faculty of Theology, University of Pretoria, Pretoria, 2012.
- CHONGO, Fernando. Pastor Chamango: *O primeiro reitor moçambicano no SUR*. In: DORN, Petra.(Org.). *Seminário unido de Ricatla: 50 anos de história ecuménica*. Maputo: Ciedima, 2009.
- CHONGO, Fernando Rafael. *Currículo local e desenvolvimento comunitário*. Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras. São Francisco do Conde (BA), v.1, n 2, p. 307-323, 2021.
- CHONGO, Fernando Rafael, ALVES, José Matias. *Inclusão e desempenho docente em turmas de novos ingressos: estudo de caso numa instituição de ensino superior em Manica*. In: NHALEVILO, Emília; RASO, Edson; MADACUSSENGUA, Obete (Org.). *Desafios e possibilidades para o alcance de uma universidade de excelência*. 1a. ed. Maputo: Edi-Lines Editora, Lda, 2021, p. 229-247.

CLERC, André Daniel. *A prática da vida cristã nos rapazes da Igreja Presbiteriana de Moçambique*. Lourenço Marques: CCM, 1963.

IPM. *Constituição da Igreja Presbiteriana de Moçambique*. Maputo: IPM, 2018.

CRUZ E SILVA, Teresa. Educação, identidades e consciência política: a missão Suíça no Sul de Moçambique (1930-1975). *Lusotopie*, p. 397-405. 1998.

CRUZ E SILVA, Teresa. *Protestant churches and the formation of political consciousness in the Southern Mozambique (1930 – 1974)*. Basileia: P. Schlettwein Publishing, 2001.

CRUZ E SILVA, Teresa; SOUSA, Amélia Neves de; HONWANA WELNCH, Gita. *Zequequias Manganhela: uma biografia contextualizada (1912-1972)*. Maputo: Marimbique, 1914.

DORN, Petra. *Seminário Unido de Ricatla: 50 anos de historia ecuménica*. Maputo: Ciedima, 2009.

FARIS, Robert. *A changing paradigm of Mission in the protestant Churches of Mozambique: A case study of Eduardo Mondlane*. Thesis (Doctor of Philosophy) – Department of Religious Studies, University of Cape Town – UCT, Cape Town, 2007.

FLICK, Uwe. *Métodos Qualitativos na Investigação Científica*. Lisboa: Monitor, 2002.

GRANDJEAN, Arthur. *La Mission romande. Ses racines dans le sol suisse roamnd. Son épanouissement dans la race thonga*. Lousanne: Georges Bridel, 1917.

HARRIES, Patrick. *Junod e as Sociedades africanas: Impacto dos Missionários Suíços em Moçambique*. Maputo: Edições Paulinas, 2007.

JÚNIOR, José Tovela. A génese da formação teológica no Seminário Unido de Ricatla. In: DORN, Petra.(Org.) *Seminário Unido de Ricatla: 50 anos de historia ecuménica*. Maputo: Ciedima, 2009.

KILPATRICK, Sue.; BARRET, Margaret; JONES, Tamy. *Defining Learning communities*. Centre for Research and learning in Regional Australia. Discussion paper series. 2003.

LAMBERT, Mike. *Pratical research methods in education: an early researcher's critical guide*. London: Routledge, 2019.

MANGHEZI, Nadja. *O meu coração está nas mãos de um negro*. Maputo: Imprensa Universitária, 1999.

MAZULA, Brazão. *Educação, Cultura e Ideologia: 1975 – 1985*. Porto: Edições Afrontamento, 1995.

MONDLANE, Janet. *O eco da tua voz*. Maputo: Imprensa Universitária. 2007.

MONDLANE, Eduardo. *Lutar por Moçambique*. Maputo: Minerva Central. 1995.

NGOENHA, Severino. Os missionários suíços face ao nacionalismo moçambicano: Entre a tsonganidade e a moçambicanidade. Lusotopie. p. 425-435. 1999.

NGOENHA, S. *Estatuto e axiologia da educação*. Maputo: Livraria Universitária. 2000.

NGOENHA, Severino & CASTIANO, José. *Pensamento Engajado*. Maputo: Educar. 2011.

REIS, Rui Lopes dos., REIS, Henrique Pimentel. *Gestão estratégica: aplicada a instituições de ensino superior*. Lisboa: Escolar Editora. 2008.

SAPATO, Rafael. A formação humana na universidade na perspectiva da Universidade Católica de Moçambique. In: BARBOSA, Adérito; ALVES, José Matias; IBRAIMO, Mahomed. (Org). *Desafios da educação: ensino superior*. Porto: Década das palavras. 2016, p. 15-29.

SITOE, Bento. Tsonga e a moçambicanidade: o caso da Igreja Presbiteriana de Moçambique. In: de PAULA, Maria Helena; XAVIER, Vanessa Regina Duarte. (Org). *Estudos da linguagem em abordagens multiculturais*. Campinas SP: Mercado de Letras. 2020, p. 61-87.

TOZONI-REIS, Maria Freitas de Campos. *Metodologia de Pesquisa*. 2.ed. Curitiba: IESDE, 2009.



Recebido em: 11/08/2022

Aceito em: 20/09/2022

Para citar este texto (ABNT): CHONGO, Fernando Rafael. Educação e Formação de Comunidades de Aprendizagem: análise de percepções no Colégio Pastoral da Igreja Presbiteriana de Moçambique. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), vol.2, nº Especial, p.287-308, 2022.

Para citar este texto (APA): Chongo, Fernando Rafael (2022). Educação e Formação de Comunidades de Aprendizagem: análise de percepções no Colégio Pastoral da Igreja Presbiteriana de Moçambique. *Njinga & Sepé: Revista Internacional de Culturas, Línguas Africanas e Brasileiras*. São Francisco do Conde (BA), 2 (Especial): 287-308.